

Herta Müller

O REI FAZ VÊNIA E MATA



Texto

ÍNDICE

Cada língua tem olhos diferentes	9
O rei faz vénia e mata.	39
Quando nos calamos, tornamo-nos incómodos – quando falamos, tornamo-nos ridículos	71
Agarrar uma vez – largar duas vezes	99
O Olhar Estranho ou A vida é um peido no lampião	119
A flor vermelha e a cana	137
A ilha fica dentro – a fronteira fica fora	145
Cá na Alemanha	159
Quando anda coisa no ar, normalmente não é coisa boa . .	169
<i>Nota à publicação</i>	181

Cada língua tem olhos diferentes

Na língua da aldeia – assim achava eu quando era criança – as palavras estavam, para toda a gente à minha volta, pousadas em cima das coisas. As coisas chamavam-se exactamente como eram, e eram exactamente como se chamavam. Um acordo selado para sempre. Para a maior parte das pessoas não havia aberturas através das quais tivéssemos de olhar entre palavra e coisa e fitar o nada, como se escorregássemos para fora da pele em direcção ao vazio. Os gestos manuais do dia-a-dia eram instintivos, trabalho bem ensaiado sem palavras; a cabeça não seguia o caminho dos gestos nem tinha os seus caminhos próprios, divergentes. A cabeça servia para carregar os olhos e os ouvidos, que eram necessários ao trabalho. Havia um dizer que se podia aplicar ao dia-a-dia de toda a gente: «Aquele tem a cabeça em cima dos ombros para não lhe chover no pescoço.» Ou será que não? Porque é que a minha avó aconselhava a minha mãe, no Inverno, quando não havia nada para fazer lá fora e quando o meu pai passava dias a fio constantemente a cair de bêbado: «Se achas que não aguentas, arruma o armário.» Calar a cabeça, arrumando a roupa de um lado para o outro. A minha mãe que voltasse a dobrar, a empilhar e a pendurar, umas ao lado das outras, as blusas dela e as camisas dele, as meias dela e as peúgas dele, as saias dela e as calças dele. Colocadas de novo umas ao lado das outras, as peças de vestuário

dos dois haviam de impedir que ele fugisse do casamento à custa da bebida.

As palavras só acompanhavam o trabalho quando várias pessoas faziam alguma coisa em conjunto e uma dependia dos gestos da outra. Mas mesmo assim nem sempre. Os trabalhos mais pesados, como carregar sacos, cavar, rachar lenha, ceifar com a gadanha, eram uma escola do silêncio. O corpo estava demasiado ocupado para desperdiçar energia com conversas. Podia haver vinte, trinta pessoas em silêncio horas a fio. Às vezes pensava, enquanto presenciava, estou a ver como é quando as pessoas desaprendem a fala. Quando saírem desta labuta, terão esquecido todas as palavras.

Aquilo que se faz não precisa de ser repetido por palavras. As palavras atrasam os gestos, atrapalham literalmente os movimentos do corpo – eu sabia que era assim. Mas a não coincidência entre o fora, junto das mãos, e o dentro da cabeça, e saber que: agora vais pensar uma coisa que não te compete e de que ninguém te julga capaz, isso era outra coisa. Só aparecia quando vinha o medo. Eu não era mais medrosa do que os outros, só tinha, tal como eles provavelmente, as muitas razões sem razão para ter medo – razões construídas e pensadas na cabeça. Mas este medo pensado não é só imaginado, está bem presente quando temos de nos debater com ele, porque é tão verdadeiro como o medo que vem de fora. Também poderíamos chamar-lhe medo sem cabeça, justamente por ser construído na cabeça. Sem cabeça por não conhecer causa concreta ou remédio. Emil M. Cioran dizia que os momentos de medo sem razão eram os mais próximos da existência. A procura súbita de sentido, a febre nervosa, os calafrios da alma quando surge a pergunta: o que vale a minha vida? Esta pergunta tornava-se dominadora nas coisas habituais, piscava por entre os momentos completamente «normais». Eu não passava fome nem andava descalça, à noite adormecia em lençóis lavados, acabados de passar. Antes de se apagar a luz, ainda me cantavam a ladainha: «Antes de

me deitar e adormecer, / a ti, meu Deus, o meu coração vou erguer.» Mas depois o fogão de azulejos ao lado da cama transformava-se num depósito de água, o que ficava à entrada da aldeia, coberto de trepadeiras. Na altura ainda não conhecia o belo poema de Helga M. Novak, «A trepadeira à volta do depósito de água muda toda de cor, quando murcha como o lábio inferior dos soldados». A oração, que deveria acalmar-me e pôr-me logo a dormir, tinha o efeito contrário, punha-me a cabeça em rebuliço. Por essa razão é que tempos depois, e ainda hoje, nunca consegui perceber como é que a fé podia acalmar o medo das pessoas, como era capaz de dar algum equilíbrio às outras pessoas e como era indicada para calar os pensamentos dentro da cabeça. Porque todas as orações tantas vezes papagueadas tornavam-se um paradigma. Pediam uma interpretação do meu próprio estado. O lugar dos pés é no chão, um pouco mais acima estão a barriga, as costelas, a cabeça. Em cima de tudo está o cabelo. E como é que se ergue o coração a Deus através do cabelo e passando por um tecto sólido? Porque é que uma avó me canta estas palavras se ela própria não consegue fazer o que me pode pedir?

As trepadeiras chamam-se em dialecto «vinhas tintas», porque os bagos negros pintam as mãos com manchas que se entranham na pele durante muitos dias. O depósito de água junto à cama, com vinhas tintas negras, é assim que deve ser o sono profundo. Eu sabia que adormecer significava deixar-se afogar na tinta. Mas sabia também: quem não consegue dormir tem má consciência, carrega um fardo nada bom na cabeça. Portanto, era isso que eu tinha, só não sabia porquê. A noite da aldeia lá fora também estava cheia de tinta. A torre controlava a localidade, roubava o chão e o céu, e as pessoas da aldeia mergulhada na tinta só tinham aquele minúsculo lugar seguro onde estavam de momento. De todos os lados ouvia-se o coaxar das rãs, o frenesim dos grilos, indicando o caminho debaixo da terra. E encerravam a aldeia no eco de um

caixote, de onde ninguém escapava. Levavam-me, como todas as crianças, a ver os mortos. Estavam amortalhados nas suas casas, no quarto mais bonito. Íamos fazer-lhes uma visita antes de irem para o cemitério. Os caixões estavam abertos, os pés, enfiados em sapatos com as solas levantadas, ficavam virados para a porta. Passávamos pelos pés, entrando pela porta, e dávamos uma volta ao caixão para olhar para o morto. As rãs e os grilos eram os empregados deles. De noite diziam aos vivos umas coisas transparentes para baralhar a cabeça. Eu sustinha a respiração o máximo que podia para perceber o que eles diziam. Mas depois agarrava o ar, em pânico. Queria perceber, mas não queria perder a cabeça irreversivelmente. Quem perceber a transparência uma vez, é agarrado pelos pés, desaparece da terra, pensava eu. Esta sensação de estar entregue à bicharada do lugar, naquela aldeia encaixotada, assaltava-me da mesma forma em dias de calor intenso, no vale do rio, onde tinha de tomar conta de vacas. Relógio não tinha, o meu relógio era a linha de comboio para a cidade. Passavam no vale quatro comboios por dia, só depois do quarto é que podia regressar a casa. Pelas oito da noite. Era quando o céu começava a comer erva e roubava o vale lá para cima, para junto dele. Eu tentava despachar-me dali para fora, antes que aquilo acontecesse. Naqueles dias compridos, passados num vale descaradamente verde, perguntava-me vezes sem conta o que valia a minha vida. Beliscava-me até ficar com manchas vermelhas na pele para tentar entender de que material aquelas pernas e braços seriam e quando é que Deus queria reclamar de mim aquele seu material. Eu comia folhas e flores para se aparentarem à minha língua. Queria que fôssemos semelhantes, porque elas sabiam como se vive, e eu não. O nome «cardo de leite» havia de ser realmente a planta cheia de picos e com leite no caule. Mas o nome não condizia com a planta, ela não dava pelo nome. Então tentei nomes inventados: «costela de picos», «pescoço de agulhas», nos quais

não havia nem «cardo» nem «leite». Perante a planta verdadeira, a fraude de todos aqueles nomes falsos abria uma brecha para o vazio. A vergonha de falar em voz alta comigo mesma e não com a planta. As janelas dos quatro comboios que passavam iam abertas, os viajantes iam sentados lá dentro de mangas curtas, eu acenava. Ia o mais perto possível até à linha para ver qualquer coisa das caras. Eram os da cidade, impecáveis, que iam no comboio, algumas senhoras tinham jóias e unhas vermelhas a cintilar. Depois de o comboio passar, o vestido esvoaçante voltava a colar-se ao corpo, a minha cabeça ficava enevoada da deslocação do vento que de repente se interrompia, os olhos ficavam na minha cara como depois da queda de um carrossel, e doíam. Os globos oculares, como que deslocados da testa, ficavam um pouco grandes de mais para as órbitas, arrefecidos pela circulação do ar. A minha respiração ficava fraca, a pele dos braços e das pernas imunda, arranhada, as unhas verdes e castanhas. Depois de cada comboio, sentia-me abandonada, tinha nojo de mim e olhava-me com mais atenção ainda. Então o céu sobre o vale tornava-se um grande lixo azul e o prado um grande lixo verde, e eu era um lixo pequeno que ficava lá no meio e não contava para nada. A palavra «só» não existe no dialecto, só a palavra «sozinho». E esta queria dizer «sozinhosinho», que soa como «poucochinho» – e era mesmo assim.

E também era assim no meio do milheiral. Maçarocas com cabelos de velha, podia-se fazer tranças com eles, dentes amarelos partidos – os grãos de milho. O corpo sussurrava, era tão pouco como o vento vazio na poeira. A garganta seca da sede por dentro, lá em cima um sol estranho, como uma bandeja de pessoas distintas, quando levam um copo de água a um convidado. Até hoje, os grandes milheirais deixam-me triste, sempre que passo por milheirais de comboio ou de carro fecho os olhos e fico logo tomada pelo medo de que os milheirais caminhem, verticais, por todo o mundo.

Eu odiava o campo obstinado, que comia plantas bravias e animais selvagens para alimentar plantas e animais de criação. Cada campo era uma galeria de curiosidades de todos os géneros de morte, um viçoso banquete fúnebre a perder de vista. Cada paisagem exercitava a morte. As flores imitavam os pescoços, narizes, olhos, lábios, línguas, dedos, umbigos, e os mamilos das pessoas, não davam tréguas, tomavam de empréstimo partes do corpo, amarelo cera, branco como a cal, vermelho cor de sangue ou azul cor de pisadura, e desperdiçavam, em parilha com o verde, aquilo que não lhes pertencia. Passavam aquelas cores pela pele dos mortos como lhes dava na gana. Os vivos eram tão burros que andavam atrás delas, e elas floriam junto dos mortos porque a carne se despedia. Eu conhecia, das visitas aos mortos, as unhas azuis, a cartilagem amarela de lóbulos esverdeados, onde as plantas já tinham cravado os dentes, começando o trabalho da decomposição, no meio do quarto mais bonito da casa; não esperavam pelo túmulo. Eu pensava, nas ruas daquela aldeia, entre as casas, fontes e árvores: isto aqui são as franjas do mundo, devíamos viver no tapete, que é de asfalto, e só na cidade. Não queria ser apanhada por aquela florescente galeria de curiosidades que desperdiçava todas as cores. Não queria pôr o meu corpo à disposição daquela canícula voraz, disfarçada de flores. O que eu queria era fugir das franjas para o tapete, onde o asfalto debaixo das solas é tão espesso que a morte não consegue subir da terra e insinuar-se pelos tornozelos. Queria viajar de comboio, com as unhas pintadas de vermelho como uma senhora da cidade, caminhar no asfalto com sapatos delicados como cabeças de lagarto, ouvir o toc-toc seco dos passos, tal qual tinha ouvido em duas idas ao médico na cidade. Não me podia adaptar à cadeia alimentar das plantas, ao reflexo do verde das folhas na pele, apesar de conhecer só a agricultura. Eu estava sempre a ver que os campos só me alimentavam porque me queriam comer mais tarde. Para

mim, continuou a ser um mistério como era possível confiar a própria vida a um meio que nos mostra a par e passo que somos candidatos à galeria de curiosidades da morte.

Para mim era um fracasso não estar convencida daquilo que fazia e não confiar a ninguém aquilo que me passava pela cabeça. Tinha de escancarar o olhar de tal forma que não podia ser preenchido com nada de humanamente possível. Eu provocava o aparecimento do efémero nu e cru, não era capaz de encontrar a medida do suportável, de me adaptar ao habitual.

É um desnudamento quando escorregamos da pele para fora, para o vazio. Eu queria aproximar-me daquele meio e desgastei-me nele, deixei-me assim partir aos bocados por ele, de tal forma que já não conseguia juntar as peças. Era como um incesto, parece-me hoje. Ansiava por um «contacto normal» mas isolava-me dele porque eu não deixava permanecer nada como era. Precisava urgentemente de manter a quietude interior, mas não percebia como se conseguia. Creio que exteriormente não se notava nada. Falar sobre isso nem sequer me ocorria. Aquela correria desatada dentro da cabeça tinha de ser escondida. Além do mais, o dialecto não tinha palavras a não ser estes dois adjectivos: «preguiçoso» para a parte física da questão e «pensativo» para a parte psíquica. Eu própria também não tinha palavras para aquilo. E não tenho até hoje. Não é verdade que haja palavras para tudo. Também não é verdade que pensemos sempre por palavras. Há muita coisa que até hoje não penso por palavras, não as encontrei, nem no alemão da aldeia, nem no alemão da cidade, nem em romeno, nem no alemão de Leste ou de Oeste. E em livro nenhum. As zonas interiores não coincidem com a linguagem, arrastam-nos para lugares onde as palavras não podem estar. Muitas vezes são as coisas mais decisivas, de que nada mais se pode dizer, e o impulso de falar sobre elas corre bem, porque lhes passa ao lado. A crença de que falar é benéfico para solucionar confusões só a conheço no

Ocidente. Falar não põe em ordem nem a vida no milheiral nem a vida no asfalto. Também a crença de que não se tolera o que não faz sentido só a conheço do Ocidente.

De que é capaz o falar? Quando a maior parte da vida não bate certo, as palavras desmoronam-se. Vi desmoronarem-se as palavras que eu tinha. E tinha a certeza de que também se desmoronariam as palavras que eu não tinha, se as tivesse. As que não existiam ficariam como as que existiam, que se desmoronavam. Nunca sabia de quantas palavras precisaríamos para dar cobro à correria desatada que se passava na cabeça. Uma correria desatada que se afasta logo das palavras inventadas para ela. Que palavras seriam capazes de agarrar os pensamentos, e com que rapidez teriam de estar à disposição e alternar com outras? E o que quer dizer agarrar? O pensamento fala consigo mesmo de modo completamente diferente do que as palavras falam com ele.

No entanto, ficava o desejo: «Conseguir dizê-lo.» Se não tivesse tido constantemente este desejo, não teria chegado ao ponto de experimentar nomes para o «cardo de leite», para o tratar pelo nome certo. Sem este desejo, não teria provocado a estranheza à minha volta como consequência de uma aproximação falhada.

Os objectos sempre foram importantes para mim. A sua aparência fazia parte da imagem das pessoas que os possuíam, tanto como das próprias pessoas. Eram sempre uma parte inseparável daquilo que uma pessoa era e como era. São a parte mais externa, descascada da pele das pessoas. E se viverem mais tempo do que os seus donos, a pessoa ausente migra por inteiro para dentro dos objectos que ficaram. Quando o meu pai morreu, o hospital entregou-me a prótese dentária e os óculos dele. Em casa, numa gaveta da cozinha, no meio dos talheres, estavam as suas chaves de parafusos mais pequenas. Enquanto era vivo, a minha mãe dizia dia sim, dia não, que as ferramentas não eram dali, para ele as arrumar. Quando morreu, ficaram ali durante anos. Nessa altura,

ver ali as chaves de parafusos já não incomodava a minha mãe. Já que o dono não estava à mesa, pelo menos que as ferramentas ficassem ali ao pé dos talheres. Um acanhamento tomava-lhe conta das mãos, excepções generosas infiltravam-se no seu sentido de ordem. Se ele pudesse voltar àquela mesa, pensava eu, deveria poder comer com as chaves de parafusos dele, em vez de faca e garfo. Mas os teimosos damasqueiros do quintal também floriam sem cerimónia. Muitas vezes distribuímos os sentimentos de forma estranha, para fora. Por uns poucos objectos que se prestam, sem razão para isso, a tornarem nítida a lembrança na cabeça. E fazemos alguns desvios. Assim, nem a prótese nem os óculos representavam a ausência do pai, mas sim as chaves de parafusos e os damasqueiros. Entrei com os olhos de maneira tão irracional pelas árvores adentro que os ramos ainda despídos e curtos ficavam parecidos com as chaves de parafusos, a ponto de se confundirem com elas quando eu ficava a olhar as árvores durante muito tempo. Aí tornava-me adulta; apesar disso, as coisas juntavam-se de maneira tão traiçoeira como antes.

Berlim não é um lugar de damasqueiros, faz muito frio para isso. Em Berlim, nunca senti falta de nenhum damasqueiro. Mas depois, sem procurar, encontrei um. Está muito perto da linha numa ponte do *S-Bahn*, não se consegue lá chegar, não pertence a ninguém, quando muito à cidade. Fica numa cavidade do cais, a copa dele é tão alta como a balaustrada da ponte, mas está tão distante dela que era preciso ser-se muito arrojado para apanhar damascos. Passo por ele dia sim, dia não. A árvore é para mim um pedaço de aldeia que fugiu e muito mais antiga do que a minha permanência na Alemanha. Era como se algumas árvores também tivessem ficado fartas da aldeia, como se tivessem escapado dos quintais sem ninguém dar por ela. Como se acontecesse a mesma coisa às árvores que fogem e às pessoas que fogem: abandonam o lugar perigoso mesmo a tempo, encontram um país mais ou